

Interpretando os males com Jhumpa Lahiri

Liane Schneider

Introdução: a contemporaneidade e as identidades à deriva

Without an interest in and an understanding of the severe differences and the striking similarities between cultures, no adequate construction can be made of modern civilizations and of groups of people within those civilizations.

(The cultural turn, Rien Segers)

No momento contemporâneo, definido por inúmeros pensadores como de identidades líquidas (Cf. Bauman, entre outros), taxado como um período mais de **fluxos** do que de **lugares** (CASTELLS *apud* McDOWELL)¹, nos parece fundamental discutir as identidades representadas em um território transposto, ou seja, de um território material, cultural, psicológico deslocado ou percebido através de uma perspectiva afetada pelo deslocamento opcional ou imposto que marca a vida de tantos sujeitos contemporâneos em consequência de movimentos migratórios relativamente recentes. Acreditamos que, sem dúvida, aí se dá, de maneira inevitável, uma forma de tradução, já que o sujeito tem de encontrar novos significados para símbolos, elementos, significantes que até então eram percebidos como quase “naturais” e autoexplicativos. Além de ter tornado-se mais frequente e aprofundado o debate sobre o movimento de quem sai e os processos a serem enfrentados no “novo lugar”, também os movimentos pendulares, as idas e vindas, as partidas e retornos vem ganhando destaque como temática de interesse literário e crítico.

Se o lugar e sua ocupação sempre estiveram atrelados à demarcação de poder, pode-se constatar que a noção de poder também tem sido, até certo ponto, afetada pelas variadas ocupações e deslocamento entre espaços e/ou territórios tão mais frequentes e velozes desde o final do último século. Há quem

1 Todas as traduções de textos originalmente em inglês são de responsabilidade da autora do artigo.

discuta o território, o lugar ocupado física e simbolicamente, a partir de uma visão geográfica e/ou cultural, defendendo que esse pode ser percebido como local de agenciamento, onde seu uso ou apropriação determinaria o significado que assume para sujeitos específicos.

Podemos, no intuito de compreender nosso apego (ou desapego) em relação a posicionalidades ditas “naturais”, ao lugar, ao local, percorrer discussões que perpassam tanto os estudos de Deleuze e Guattari, chegando até o geógrafo brasileiro Milton Santos, como faz Rogério Haesbaert em seu livro *O mito da desterritorialização* (2004). Neste livro, Haesbaert argumenta que é necessário que tenhamos “uma visão de território a partir da concepção do espaço como híbrido - híbrido entre sociedade e natureza, entre política, economia e cultura, e entre materialidade e ‘idealidade’, ou seja, uma complexa interação (...)” (HAESBAERT, p.79). Segundo o autor, considerando-se essa noção híbrida de espaço geográfico, o “território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder (...)” (HAESBAERT, p.79).

Tendo em mente essas considerações sobre espaço, deslocamento, tempo e território, que sem dúvida se fazem tão presentes em tempos de migrações cada vez mais globalizadas, propomos aqui um olhar sobre um texto inserido em uma coletânea de contos de Jhumpa Lahiri², intitulada *Intérprete de Males*, com o qual a autora de origem indiana, hoje radicada nos Estados Unidos, ganhou o prêmio *Pulitzer* em 2000. Aqui nos voltamos centralmente ao conto “Intérprete de Males”, a nosso ver, espaço literário propício para a discussão do entrelaçamento entre conceitos de território, pertencimento, representação identitária, literatura e tradução.

Também vale considerar que, a partir da segunda metade do século XX, os estudos culturais e, em seguida, os pós-coloniais, passaram a se debruçar incisivamente sobre o conceito de cultura, destacando seu significado político, já que, a partir de então, “trata-se de considerar esta [a cultura] em sentido amplo, antropológico”, ou seja, “passar de uma reflexão centrada sobre o vínculo culturação, para uma abordagem da cultura dos grupos sociais” (MATTELART & NEVEU, 2006, p. 14). Portanto, o olhar que a crítica passa a depositar sobre textos marcados pela diáspora, como os de Lahiri, que crescem a partir de uma compreensão das culturas como compostas por feições multifacetadas,

2 Jhumpa Lahiri publicou até o momento três livros – *The interpreter of Maladies* (1999) e *The namesake* (2003) e *Unaccustomed earth* (2008). Os três foram traduzidos para o português e publicados pela Companhia das Letras com os seguintes títulos, respectivamente – *O intérprete de males*, *O xará* e *Terra descansada*.

nos permite inferir que espaço, cultura e poder se imbricam inevitavelmente na literatura e análise do momento contemporâneo e, sem dúvida, marcam inclusive as interpretações que pretendemos desenvolver.

Os desdobramentos da interpretação e o sujeito fora do lugar

Já no título do conto de Jhumpa Lahiri fica claro que o que será tratado ali é um aspecto problemático da vida social, um dos **males** da contemporaneidade. Quem inicialmente irá interpretar tais males é um personagem que, além de trabalhar como guia turístico, exerce também a função de intérprete entre pacientes e médicos, tentando facilitar a comunicação entre o povo simples e o especialista que deve tratá-lo, dificultada primordialmente por questões linguísticas. Ao longo do conto compreendemos que o Sr. e Sra. Das, casal bastante jovem que contrata o serviço do guia turístico indiano, vive nos Estados Unidos e habitualmente visita a Índia com seus três filhos ainda pequenos durante as férias, tentando não perder o contato com as origens, e garantindo às crianças a oportunidade de saber algo sobre o passado de seu grupo familiar. Os filhos do casal, terceira geração da diáspora indiana, já são bastante marcados pela cultura estadunidense, inclusive atendendo a nomes ou apelidos anglo-saxões: Tina, Ronny e Bobby. Os pais também aparentemente internalizaram os modos e hábitos culturais da América do Norte, cidadãos estadunidenses que são – e, ao cumprimentar o guia/intérprete indiano, apertam fortemente sua mão, sem qualquer outro gesto mais afinado com a cultura da Índia, apesar de que, ao encontrá-los, “o Sr. Kapasi juntou as palmas das mãos como forma de saudação”, algo habitual em seu país.

O conto se desenvolve em grande parte dentro do carro do Sr. Kapasi, o guia turístico e intérprete, num deslocamento ao longo da estrada que os conduz ao Templo do Sol de Konarak. Percebemos, através do olhar do guia, várias diferenças que marcam essa família de indianos-americanos, o que inclusive sugere que talvez fosse, de fato, necessária uma tradução cultural e até linguística para que esses entendessem o país onde seus parentes nasceram. Porém, não é esse o mal maior sugerido, ou pelo menos não é só essa a acepção ligada ao termo de que trata o conto. De fato, o guia os conduz pelas trilhas turísticas de uma Índia rural, indicando perigos e curiosidades.

Se inicialmente o que se destaca na narrativa é a diferença entre essas partes que se encontram em convívio próximo no interior do carro, sendo o Sr Kapasi um indiano conhecedor de seu país e das diversas línguas ali faladas

e a família Das demonstrando total ignorância no que se refere à Índia, ainda assim há algo que os aproxima. Quase que de imediato, o guia se interessa por Mona, a mãe das crianças, e imagina que ela também esteja fascinada por ele, por suas estórias sobre a Índia e seu trabalho como tradutor de um médico. Contudo, ele, tradutor, parece sistematicamente interpretar mal as palavras da jovem mulher. Quando o guia explica seu outro trabalho como intérprete, Mona diz: “Interessante. Nunca ouvi falar de nada parecido”. O Sr. Kapasi complementa: “é um trabalho como qualquer outro”, ao que Mona retruca: “Mas é muito romântico” (LAHIRI, p.65). Quando ele a questiona quanto ao que haveria de romântico na tarefa de traduzir males, Mona responde evasivamente: “Sei lá. Alguma coisa”, pedindo que ele fale mais sobre tal atividade. Finalmente Mona conclui que suas interpretações das doenças alheias envolvem uma “grande responsabilidade” (p. 66).

Pela voz narrativa entendemos como essa valorização de seus afazeres por parte de Mona gera sensações novas no Sr. Kapasi:

O Sr. Kapasi nunca tinha encarado seu trabalho de modo tão positivo. Para ele, era uma atividade ingrata. Não havia nada de nobre em interpretar os males das pessoas, traduzindo fielmente os sintomas de tantas inchações, tantas cólicas estomacais e intestinais, tantas manchas na mão que mudavam de cor, forma e tamanho. (LAHIRI, p.66)

Principalmente o fato de que tal tarefa envolveria alguma dose de romantismo aos olhos da jovem mulher afeta o guia profundamente. Sente-se lisonjeado e seu interesse por Mona só cresce a partir desse momento. Tal interesse faz com que percebamos a dimensão da solidão do guia, as deficiências de seu casamento mal arranjado, sem sucesso, sem amor e com falta de palavras trocadas. Logo ele, que havia sido um poliglota, fluente em várias línguas, mal utilizava sua voz nos encontros com a esposa, como nos informa a voz narrativa. Sendo agora um tradutor para os pacientes *guzerates*, cujo idioma o médico desconhecia, acredita ser também responsável pelas curas que ocorrem no consultório através de suas traduções.

No entanto, exatamente sua profissão, ser intérprete dos males que afetam a população em visitas ao médico, o apresenta como habilitado a compreender e auxiliar qualquer pessoa em dificuldade, aos olhos de Mona. É este o fascínio que a Sra Das sente por ele – não é atração, nem romantismo – apenas o desejo de ser compreendida e interpretada por alguém que teoricamente tenha

ferramentas para tanto. Contudo, no exato instante em que ela lhe confessa seu segredo, guardado a sete chaves até então, o guia percebe que ela é uma pessoa solitária, tão só e infeliz quanto ele. Mona talvez acreditasse que o Sr. Kapasi, acostumado a ouvir tanto sobre as intimidades, as peculiaridades dos indivíduos, fosse capaz de não se surpreender com o que ela precisa verbalizar. Confessa, assim, seu segredo esperando que algo fundamental lhe seja dito sobre o que contou.

O grande mal que percorre o conto como um todo, a nosso ver, não deriva diretamente da colonização e globalização, do deslocamento, do desenraizamento cultural, e sim, da inexorável solidão e superficialidade que atinge os sujeitos cá e lá, na Índia e na América dos tempos contemporâneos. Por outro lado, podemos facilmente perceber que, enquanto o guia acreditava que viveria um romance com a indiana-americana, seus valores morais não percebem qualquer problema no fato de essa ser casada e mãe de três crianças – sem dúvida ele poderia, em sua mente, viver uma aventura com ela, pelo menos fantasiá-la sem qualquer sombra de culpa. Quando, no entanto, ela confessa seu segredo, na verdade, uma traição com grandes consequências, o Sr Kapasi se choca, se decepciona, não compreende.

O Sr. Kapasi sentia-se insultado por lhe ter a Sra Das pedido que interpretasse aquele seu segredo vulgar, trivial. Ela não era como os pacientes que procuravam o consultório do médico, que chegavam de olhos vidrados, em desespero, sem poder dormir, ou respirar, ou urinar direito, e sem poder, o pior de tudo, exprimir seu sofrimento em palavras. (LAHIRI, p.81).

Toda a admiração e fantasias que estava desenvolvendo em relação à Sra. Das se esvaecem, ela caindo do pedestal em que fora colocada anteriormente. Além da incompreensão e do vazio, os males humanos que passam a se manifestar na relação verbal que se estabelece entre os dois referem-se ao egocentrismo, à rigidez, e, porque não, ao machismo que marca o olhar do intérprete.

Além disso, se considerarmos que, de fato, as massas humanas se movem em busca do que não têm ou daquilo que sonham conquistar, não há como negar que a posição, o local a partir do qual falam, a forma pela qual interrogam os cânones culturais são fundamentais. Mona representa aos olhos do guia a mulher de pernas depiladas, de shorts, que não se intimida ao mostrar o corpo em um dia de calor, corpo esse que pode ser desejado e, porque não, conquistado. É através do desejo de contato que o Sr Kapasi acredita que Mona

levará seu endereço para os Estados Unidos e lhe escreverá cartas e mandará fotos, alimentando um sentimento e um lugar para si dentro de uma nova relação internacional imaginada, na verdade, planejada quando ainda havia um olhar idealizado por parte dele sobre a jovem esposa. Contudo, assim como Mona cai do pedestal a partir da confissão, o papel em que anotara o endereço do guia para o envio de fotos e cartas também lhe escapa das mãos, levantando voo e sumindo nos céus indianos sem deixar rastros. A relação sonhada não vingará nem no plano imaginário.

Se nos reterritorializamos a partir do uso e da apropriação que fazemos de uma ocupação do espaço, o aspecto da autonomia, da escolha por parte do sujeito sobre tais processos é determinante, principalmente para aqueles e aquelas que veem seus leques de opção limitados em consequência de percepções redutoras ou preconceituosas da diferença sexual, étnica, cultural e/ou social. As relações de poder do terreno privado, certamente marcadas e controladas, entre outros fatores, pelo sistema de gênero, afetam os processos de deslocamento e (re) inserção dos sujeitos, sendo, portanto, fundamental que se discuta a des- e reterritorialização na diáspora a partir dessas constatações, principalmente para que se aponte de que forma a migração pode (ou futuramente poderá) afetar mais positivamente a vida de tantos sujeitos voluntária ou involuntariamente migrantes na atualidade. A família Das, no conto em questão, não foi, nessa geração, a que tomou as rédeas do destino, optando pela desterritorialização. Na verdade, o jovem casal já herdou esse estado, vindo apenas para a Índia a fim de que toda a trilha que os levou à América não seja esquecida.

Robert Young em seu livro *Desejo colonial* aponta que a cultura “nunca está só – antes participa sempre de uma economia conflitiva, exprimindo as tensões entre igualdade e diferença, comparação e diferenciação, unidade e diversidade, coesão e multiplicidade, contenção e subversão” (p.64). Conhecer o outro, a cultura do outro, é sempre um processo que desconstrói, questiona ou problematiza a própria identidade. No conto em questão, os desejos de Mona e do guia diferem também na relação que estabelecem com o Outro – ela quer alívio do peso de um segredo guardado e acredita que o intérprete de males seja o sujeito perfeito para escutá-la; fala com ele como se estivesse em um confessionário ou em uma sessão de análise. Mona busca sentido, ainda que sem desespero ou culpa, pelo ato cometido, querendo possivelmente apenas a interpretação do que está ali implícito. O Sr. Kapasi inicialmente vê nela possibilidades de contato com outra mulher, uma outra Índia imaginada, idealizada, transplantada para fora do lugar comum, com quem pudesse, quem

sabe, estabelecer trocas mais promissoras. Ele imagina inclusive que se algum adultério viria a ocorrer, seria em sua companhia, por admiração, e não por algo banal, inconsequente como ele acredita que tenha ocorrido na referida traição. Após confessar seu ato de adultério, Mona passa a ser uma presença lastimada e lastimável no carro do Sr Kapasi. Já não há espaço para ela quer no carro quer na imaginação do tradutor-guia.

Provavelmente não é por acaso que essa conversa, a sós, entre os dois – Sr Kapasi e Mona – ocorre logo após a visita desses ao Templo do Sol. O Templo do Sol tem por temática, em sua decoração externa, um destacado erotismo, principalmente identificável nas figuras femininas retratadas. Sutilmente, as imagens do templo dialogam com as imagens que o guia idealiza a respeito do relacionamento que poderá vir a ter com Mona. Além disso, podemos encarar a visita daquela família a tal templo com uma busca pelos “lugares de memória”, reconhecendo aqui sintonias com o que aponta Maria Nazareth Soares Fonseca (2003, p.107), ao observar que até recentemente esses lugares eram seguramente os museus, as igrejas, locais, enfim, onde se procurava reconstruir o passado cultural de um povo, no caso específico da discussão que autora desenvolve, dos afro-brasileiros. A pesquisadora parte dos conceitos desenvolvidos sobre memória por Pierre Nora, em 1984 e, ainda segundo Fonseca (2003, p. 100), “ressignificar, e não apenas guardar, passa a ser, então, função dos lugares de memória e tais lugares, mais do que nunca, passam a ser rotas de passagem, “não-lugares”, no sentido dado por Marc Augé (1999)”. Fica evidente, na discussão proposta por Fonseca, o caráter ambíguo de tais lugares, que são, sim, garantidos por instituições que cuidam do que deve permanecer na lembrança coletiva de um povo, sendo também marcados pelas vozes que reatualizam as visões sobre essas mesmas culturas e tradições. A família Das visita o templo, dentre outros locais turísticos, crendo que esses apresentarão conceitos fundamentais, nortearão a vida (pelo menos a cultural) de seus filhos, da família, enfim. Percebemos, porém, que o que a Sra. Das pretende é verificar se, a partir desse lugar do passado, da memória, ela consegue entender o que sua traição e o nascimento de seu filho fora do casamento significaram.

Por isso, logo após a visita ao templo, sentada no carro com o Sr Kapasi, resolve contar-lhe essa passagem oculta de sua vida. O Sr Kapasi questiona, surpreso, porque ela lhe contara aquilo. Mona afirma: “Eu contei para o senhor por causa da sua qualificação” e complementa: “O senhor não tem nada a dizer? Eu achava que seu trabalho era esse” (LAHIRI, p.80). Quando Mona diz que sua intenção era aliviar a própria angústia, o Sr Kapasi questiona – “O que a

senhora sente é mesmo angústia, ou será culpa?”. Essa é praticamente a última frase trocada entre os dois – Mona se irrita, se afasta, vai ao encontro da família que fotografava mais um monumento. Não há possibilidade de compreensão ou interpretação satisfatória entre os dois – a explicação que viria do Sr Kapasi não interessa Mona, assim como a ele não interessa fantasiar com uma mulher que já traiu o marido. Mona acreditava ser possível, a partir da tradição e do treino em interpretação que o condutor do carro anuncia, encontrar alguma forma de ressignificar o ato cometido. Percebe, porém, que o passeio deve limitar-se a uma revisitação do que há, reconhecimento apenas das raízes culturais como tal. Se ela sonhava que alguma identificação com o Sr Kapasi poderia se desenvolver, devemos considerar o que disse Bhabha (2007, p. 77), a esse respeito: “a identificação [...] é sempre o retorno de uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do Outro de onde ela vem”.

Ao final do conto, o Sr Kapasi ainda salva o filho de Mona de um ataque de macacos selvagens, uma espécie bastante comum na Índia. Ele sabe como se portar diante dos animais, pois os conhece quase que intimamente. Na última frase da narrativa percebe-se que o guia, de fato, se identifica mais com os macacos, com um mundo selvagem, rural, antigo, onde provavelmente as interpretações sejam bem mais imediatas e moralizantes do que a jovem indiana-estadunidense poderia suspeitar ou desejar. Sem dúvida, ambos foram influenciados por diversos elementos que marcaram as culturas em que hoje se inserem – se Mona parece fazer parte de um mundo transcultural, com sua herança indiana transladada para o mundo dos Estados Unidos, basta lembrarmos que Robert Young defende que

(...) ainda estamos presos em partes da rede ideológica de uma cultura que pensamos ou presumimos haver ultrapassado. A questão é saber se as velhas categorias, tornadas essenciais da identidade cultural ou da raça, eram realmente essenciais assim, ou teriam sido, retrospectivamente, delimitadas como mais fixas do que realmente eram. (YOUNG, p.33)

Nesse sentido, acreditamos que Jumpha Lahiri problematiza neste conto, bem como em outros que compõem a coletânea *Intérprete de males*, o lugar ocupado por sujeitos contemporâneos, sujeitos estes que apresentam ou buscam por novas posicionalidades identitárias, conseqüentemente expondo formas diversas de contato entre indivíduos que tendem menos a submeter-se ao maniqueísmo dos lugares fixos de décadas atrás. O Sr. Kapasi e Mona, que,

a nosso ver, assumem papéis de protagonista-antagonista na estória analisada, não são apenas sujeitos que existem e que se tornam complexos em função de suas relações com a Índia ou com os Estados Unidos; aqui a problemática não é mais apenas a pós-colonial ou nacional, já que as identidades desses aparecem cortadas por diversos eixos imagináveis de subjetivação – a sexualidade, os mecanismos de (des)identificação, as projeções, as marcas de gênero, de cultura, as marcas geracionais. Enfim, as personagens aqui se arredondam mais e mais, contradizendo inclusive aquelas teorias da narrativa que defendem o conto como sempre breve, plano, de temática única. Jumpha Lahiri parece indicar que os gêneros literários, assim como as subjetividades ficcionalmente representadas, são cada vez de mais difícil definição e conceituação. Não há como negar certo “transbordamento” já há muito em curso nas culturas, nas vidas individuais e coletivas, bem como nos textos literários que dão vida ficcional às estórias por vezes vividas.

Na opinião de Rien Segers (2001), textos literários expõem o complexo paradoxo existente hoje entre marcas do local e do global nas mais variadas culturas. Com certeza os problemas de interpretação que o sr. Kapasi enfrenta no que se refere à Mona no conto “Intérprete de males” estão diretamente relacionados a tais questões: o que de fora pode penetrar, invadir, modificar uma cultura, até servindo, no caso, para aprimorá-la, torná-la mais complexa. Possivelmente na atualidade, concordando com Segers (2001, p.67), possamos de fato concluir que as distinções mais importantes entre povos não são mais de caráter ideológico, político ou econômico – o que importa são as distinções culturais, de forma que a problematização e a exposição das tensões entre essas tem sido o combustível fundamental para a produção literária contemporânea.

Referências

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro : J. Zahar, 2001.

COUTINHO, F. Eduardo (Org.). *Fronteiras Imaginadas: cultura nacional/teoria internacional*. Rio de Janeiro. Ed. Carioca, 2001.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Políticas de esquecimento e desejo de lembrar. In: CHAVES, Rita & MACEDO, Tânia (orgs.). *Literaturas em movimento: hibridismo cultural e exercício crítico*. São Paulo: Via Atlântica, 2003.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade*. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

LAHIRI, Jhumpa. Intérprete de Males. In: *Intérprete de Males*. Trad. Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *O xará*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Terra descansada*. Trad. Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MATTELART, Armand and NEVEU, Érik. *Introdução aos estudos culturais*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

McDOWELL, Linda. "Place and Space". IN: EAGLETON, Mary. *A concise companion to feminist theory*. Oxford: Blackwell Publishing, 2003, p.11-31.

SEGERS, Rien. The cultural turn. IN: COUTINHO, Eduardo. *Fronteiras imaginadas: cultura nacional/teoria internacional*. Rio de Janeiro: Ed. Carioca, 2001. p.49-71.

YOUNG, Robert J.C. *Desejo colonial: hibridismo em teoria, cultura e raça*. Trad. Sérgio Medeiros. São Paulo: Perspectiva, 2005.